

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE FONOAUDIOLOGIA

**CLÍNICA DE LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA
FONOAUDIOLOGIA**

GOIÂNIA
2022

DÉBORAH CRISTINA LEÃO MARTINS

NATALIA SOUSA SAMPAIO

CLÍNICA DE LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA FONOAUDIOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Fonoaudiologia, da Escola de Ciências Sociais e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Profa. Ma. Eliane Faleiro de Freitas

GOIÂNIA
2022



**PUC
GOIÁS**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA**

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 12 dias do mês de dezembro de 2022, às 08:00 horas, em sessão pública na sala da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mestra ELIANE FALEIRO DE FREITAS e composta pelos examinadores:

1. Professora Doutora LISA VALÉRIA VIEIRA TÔRRES,
2. Professora Mestra THELMA IRIS PERINI,

as alunas DÉBORAH CRISTINA LEÃO MARTINS e NATALIA SOUSA SAMPAIO apresentaram o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado CLÍNICA DE LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM NA FONOAUDIOLOGIA, como requisito curricular indispensável para integralização do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela Aprovada do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente às alunas e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.

Presidente da Banca Examinadora

Examinador 01

Examinador 02

Alunos(as)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus em primeiro lugar e de forma a abranger tudo e todos, pois sabemos que o sustento veio dEle. E temos a certeza de que continuará provendo-o.

À nossa família, que sempre esteve presente e continuou sendo a base em momentos de felicidade e angústia.

À nossa orientadora, que, além de ser uma excelente profissional e nos conduzir ao caminho certo, mostrou-se um ser humano que reluz em meio à vida.

Aos nossos amigos, que caminharam junto e nos mostraram que tudo se torna mais leve quando estamos partilhando.

Por fim, à universidade, que proporcionou o conhecimento científico que dará base às nossas conquistas futuras como profissionais e experiências que nunca se repetirão e estarão sempre guardadas durante a jornada.

"Ora et labora".

CLÍNICA DE LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA FONOAUDIOLOGIA

Déborah Cristina Leão Martins¹;
Natalia Sousa Sampaio¹;
Profa. Ma. Eliane Faleiro de Freitas³

¹ Acadêmica do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás.

² Fonoaudióloga e Musicoterapeuta; Mestra em Música pela UFG. Docente do curso de Fonoaudiologia da PUC-GO

Resumo: **Objetivo:** Analisar uma intervenção fonoaudiológica à luz da Clínica de Linguagem, evidenciando interação entre terapeuta e criança que se revela na/pela linguagem. **Metodologia:** Estudo de caso com a amostra de um sujeito de 1 ano e 9 meses, acompanhado no atendimento fonoaudiológico e com sintoma de linguagem. **Resultados e Discussão:** Apresenta-se uma análise dos relatos e desempenho da criança observados no processo de intervenção. Percebeu-se evolução no desenvolvimento da linguagem com o aumento da produção de balbucios e eficiência de seus familiares na interpretação das funções comunicativas apresentadas pela criança. **Conclusão:** Conclui-se que a pesquisa teve o êxito de proporcionar o acompanhamento de um estudo de caso abordando o surgimento do sujeito e os processos de circulação da linguagem durante as investidas dialógicas, dentro do viés da abordagem da Clínica de Linguagem.

Palavras-Chave: Fonoaudiologia; Linguagem; Fonoterapia; Interacionismo.

Abstract: **Objective:** To analyze a speech therapy intervention in the light of the Language Clinic, showing interaction between therapist and child that is revealed in/through language. **Methodology:** Case study with a sample of a subject aged 1 year and 9 months, accompanied in speech therapy and with language symptoms. **Results and Discussion:** An analysis of the reports observed in the intervention process is presented. An evolution in the development of language was noticed with the increase in the production of babbling and efficiency of their relatives in the interpretation of the communicative functions presented by the child. **Conclusion:** It is concluded that the present study was successful in providing the follow-up of a case study addressing the emergence of the subject and the processes of language circulation during dialogical attacks, within the bias of the approach of the Language Clinic.

Keywords: Speech, Language and Hearing Sciences; Language; Speech Therapy; Interactionism.

INTRODUÇÃO

Linguagem cotidianamente é conceituada como sinônimo à comunicação. Em uma análise mais minuciosa, De Lemos (2002) defende que a linguagem é uma atividade cognitiva de ação sobre o mundo e comunicativa de ação sobre o outro.

Klinger (2010) traz um recorte sobre a linguagem na qual “se pode atribuir à linguagem um papel constitutivo e não meramente expressivo, sendo ela a condição para a significação e para o nascimento do sujeito. (...) é a linguagem que dá forma e organização à experiência do homem no mundo” (p. 25).

O processo de aquisição da linguagem é rodeado por estudos que buscam compreender o fenômeno e suas intercorrências, tais como os estudos de De Lemos (2002), nos quais defende que “a criança é capturada por um funcionamento linguístico-discursivo (simbólico) que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou” (p. 19).

Mousinho et.al (2008) nos diz acerca do processo de aquisição da linguagem e da necessidade de estímulos oferecidos para a criança durante este processo, em que:

A aquisição de linguagem depende de um aparato neurobiológico social, ou seja, de um bom desenvolvimento de todas as estruturas cerebrais, de um parto sem intercorrências e da interação social desde sua concepção. Em outras palavras, apesar de longas discussões sobre o fato da linguagem ser inata (de nascença) ou aprendida, hoje a maior parte dos estudiosos concorda que há uma interação entre o que a criança traz em termos biológicos e a qualidade de estímulos do meio. Alterações em qualquer uma dessas frentes pode prejudicar sua aquisição e seu desenvolvimento (MOUSINHO et.al, 2008, p.298).

Em seu estudo, a autora também apresenta as fases da aquisição e desenvolvimento da criança, no qual espera-se que a partir dos 2 anos e meio a 3 anos a criança esteja na brincadeira simbólica e na linguagem verbal, emitindo estruturas frasais com quatro elementos, nomeando os objetos e compreendendo conceitos opostos.

De acordo com Leite (2005), a fonoaudiologia tradicional vê a linguagem como um objeto externo ao ser humano e este tomará posse conforme amadurece. Caso esse processo não ocorra da forma prevista, as causas serão procuradas, especialmente no campo orgânico. Todavia, Freire (1997) apud Leite (2005) aponta que a aquisição da linguagem perpassa a interação mãe-filho e a forma como o sujeito se expressa para seu interlocutor, trazendo assim uma nova interpretação acerca do papel do terapeuta: fornecer segurança para que o indivíduo se posicione como participante do diálogo.

De Lemos (2002) defende que "por meio do outro, a criança passa a ser inserida e capturada na linguagem", uma vez que o que está presente na fala do interlocutor é visto como efeito da linguagem das crianças advindas da interação com o outro.

Souza e Azevedo (2022) tratam acerca do viés interacionista, saindo de uma visão organicista cristalizada, no qual o foco é “o sujeito capturado pela linguagem, com toda carga de incompletudes, faltas e falhas que constitui a própria ‘ordem da

língua/linguagem” (p. 10).

Outrossim, para Pinho (2006) apud Klinger (2010), o brincar é uma estratégia de intervenção que aborda a construção de um sujeito que tem vontades. Perpassa todas as disciplinas clínicas e atravessa tanto o diagnóstico quanto a intervenção.

O brincar na clínica fonoaudiológica pode ser observado sob um viés terapêutico, uma vez que possibilita ressignificações da linguagem da criança (POLLONIO, 2005).

Del Ré, Hilário e Vieira (2021) trazem à tona a interação e a relevância do outro e do lúdico para a aquisição de linguagem. As autoras defendem que através dos gêneros discursivos (circulados no ambiente onde vive) a criança entra na língua:

Conforme a criança vai interagindo em outros contextos discursivos e com outros interlocutores (escola, igreja, consultório médico, parque, comércio etc.), ela vai tendo contato e desempenhando outros papéis discursivos, entrando, assim, em outros gêneros. O jogo simbólico é também um lugar onde a criança aprende, por meio da brincadeira, a deslocar-se para diferentes papéis discursivos - como ser o professor ou o aluno ao brincar de escola, ser a/o mamãe/papai ou a/o filhinha/o ao brincar de casinha, ou desempenhar outros papéis ao brincar de telefonista, médico, supermercado etc., - até chegar à escrita. (DEL RÉ, HILÁRIO; VIEIRA, 2021, p. 24).

A brincadeira é um importante aliado ao processo de aprendizado e desenvolvimento da criança, sendo considerado como uma atividade natural e que deve ser levada a sério pelos seus pais, pois é fundamental para o processo de desenvolvimento (ROLIM, 2009).

A Clínica de Linguagem é uma das abordagens para a intervenção fonoaudiológica e Lier-De Vitto e Andrade (2008) apontam que corresponde a “uma proposta teoricamente orientada pela teorização saussuriana, pela contribuição de Jakobson na articulação língua-fala/escrita e a de De Lemos, pela suspensão do sujeito epistêmico e enfrentamento da fala da criança” (p. 61).

A Clínica de Linguagem, fundamentada na proposta do Interacionismo de De Lemos, considera o indivíduo como um ser singular e subjetivo capaz de estruturar a própria linguagem. Na Clínica de Linguagem coloca-se em evidência aspectos como a interação, o sujeito, a interpretação, a percepção do outro, a mudança, o erro e a escuta. Assim, as ocorrências observadas no processo de aquisição da linguagem são características da singularidade do sujeito. Essas ocorrências, chamadas de sintomas de linguagem, decorrem da particularidade do sujeito em relação à linguagem. Sendo assim, perde-se o caráter patológico estigmatizado, consolidando-

se como um sintoma de linguagem. (LIER-DE-VITTO, 2006).

Nesse viés, Lier-De-Vitto e Arantes (2006) trazem como apontamento inicial que

Noções como interação, mudança, erro, sujeito, outro, escuta, interpretação foram inicialmente visitadas a partir do encontro renovado com falas sintomáticas que vem da clínica - espaço em que uma qualidade especial de "interação" é instituída pela presença de um sujeito que sofre por efeito da escuta de desarranjos em sua fala e por conta de sua condição peculiar de falante. (LIER-DE-VITTO; ARANTES, 2006, p. 13).

Em seu estudo de caso, Perottino (2009) revela a importância da escuta e do diálogo através de um relato de atendimento com um sujeito com comprometimento de linguagem. Foram percebidas a importância do discurso para o aparecimento do sujeito, sendo que ele emerge trazendo seu conhecimento de mundo a partir da junção de significantes apresentados pelo outro.

Delfrate, Santana e Massi (2009) trazem o estudo de caso de um paciente com autismo e nos recortes apresentados de segmentos de interação dialógica são percebidas as marcas do sujeito, a interação estabelecida e por vezes iniciada pelo próprio paciente, que adentra na brincadeira simbólica e posiciona-se como sujeito na linguagem.

O processo de desenvolvimento da criança perpassa por várias circunstâncias. É de extrema relevância estudos que considerem as variáveis significativas para a construção do sujeito. O fonoaudiólogo constitui-se como o profissional capacitado na avaliação deste fenômeno e nos diversos aspectos que o tangenciam.

A interação, além de fazer parte do cotidiano das crianças, tem relação intrínseca com a constituição do sujeito e revela-se como essencial no processo de desenvolvimento da linguagem.

Assim sendo, considera-se importante averiguar a intervenção fonoaudiológica sob o viés da Clínica de Linguagem e como se dá o processo de revelação de um sujeito na/pela linguagem através da interação e do brincar.

Diante do exposto, acredita-se que o processo terapêutico seja importante para que a criança se revele na/pela linguagem. Este estudo considerará a apresentação de um processo terapêutico fonoaudiológico de um sujeito com sintoma de linguagem.

O objetivo da presente pesquisa é apresentar um estudo de caso clínico e descrever as estratégias e recursos utilizados durante a intervenção fonoaudiológica

sustentada pela abordagem da Clínica de Linguagem.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um relato de caso clínico de uma criança de um ano e nove meses acompanhada na Clínica Escola Vida da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Nesta Clínica Escola há atendimentos nas seguintes especialidades: Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional e outras áreas que fazem interface com a saúde, numa perspectiva interdisciplinar.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás sob o número CAAE 61772422.5.0000.0037.

O critério de inclusão para a amostra foi uma criança com sintoma de linguagem. Como critério de exclusão apontamos qualquer comprometimento de saúde que impedisse a criança de frequentar os atendimentos fonoaudiológicos.

Para a realização do estudo foram previstos dez encontros, com cinquenta minutos de duração cada, com uma frequência de uma vez por semana. A quantidade de encontros se deveu ao fato de que se tratava de um acompanhamento realizado no último semestre letivo das pesquisadoras que estavam concluindo a graduação. As terapias foram conduzidas pelas duas pesquisadoras da presente pesquisa, intituladas a partir daqui como Terapeuta 1 e Terapeuta 2. Realizou-se reuniões semanais com a orientadora da pesquisa nas quais eram discutidos o caso clínico, o planejamento das sessões e a análise dos dados apresentados durante os atendimentos. Tais reflexões sustentaram a condução da discussão, que será apresentada a seguir, acerca dos achados exemplificados por meio de alguns recortes clínicos a fim de comparar com o suporte teórico.

Será descrito o atendimento fonoaudiológico de uma criança, sexo feminino, de um ano e nove meses atendida pelas pesquisadoras responsáveis pela pesquisa. O nome utilizado será fictício para assegurar à criança o direito de sigilo sobre seu atendimento. Inicialmente, descrever-se-á um breve relato do responsável sobre o desenvolvimento da criança e a queixa da família para a procura de atendimento fonoaudiológico. Em seguida, relatar-se-á o início da interação terapeuta/paciente e as estratégias utilizadas durante as sessões de intervenção fonoaudiológica.

O convite para a participação da intervenção feito ao pai da criança, momento

em que foi apresentada a proposta de intervenção e, em seguida, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a realização da entrevista inicial e o momento de avaliação, iniciou-se a intervenção e o pai foi convidado a participar das sessões. Os atendimentos aconteciam uma vez por semana, com cinquenta minutos de duração cada sessão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Magali é uma criança de um ano e nove meses. É a irmã caçula de um menino de quinze anos e duas meninas, uma de doze e outra de nove anos. Os quatro filhos moram na mesma casa com seu pai e sua mãe. A criança passa o dia em casa sendo cuidada principalmente pelo seu pai, que durante o período de pandemia foi dispensado de seu emprego de garçom e/ou segurança. Sua mãe, que também trabalha como atendente em restaurante, passa o dia no trabalho e seus irmãos participam de atividades escolares. A queixa para procura do atendimento fonoaudiológico foi a ausência de fala. Magali nasceu em período de pandemia de Covid-19 de parto normal e não recebeu aleitamento materno e fez e ainda faz o uso de fórmula.

De acordo com o pai, o desenvolvimento motor foi diferente se comparado aos irmãos mais velhos. Ele observou que a criança demorou a andar e se sentar e começou tratamento fisioterapêutico um mês antes de iniciar a fonoterapia para aprimorar o desenvolvimento motor. Acerca do processo de aquisição da linguagem da criança, o responsável relatou que ela demorou a produzir os primeiros sons isolados e apontar para solicitar objetos e ações. Durante a primeira entrevista o pai referiu que em casa a criança fala “dá”, “papai” e “mamãe”. Sobre seu brincar, o pai considerou que Magali não apresentava dificuldade, brincava com os irmãos e outras crianças com facilidade, mas sempre levando os objetos à boca. Relatou, ainda, que a criança compreende o que é dito a ela. Para os pais, o principal objetivo em buscar tratamento era compreender as questões da filha e obter um diagnóstico que explicasse o atraso dela no seu desenvolvimento motor e de fala.

Durante o processo de avaliação, guiado pelo Protocolo de Avaliação de Observação Comportamental (PROC), observou-se condutas sensório-motoras oral típicas da fase inicial de desenvolvimento para crianças de até oito meses, apresentando exploração de objetos de forma isolada. Essa fase é caracterizada pelos movimentos de bater, apalpar, olhar, balançar/sacudir, arranhar, pegar, pôr na

boca, chupar, esfregar no chão, apertar, passar o objeto de uma mão para a outra, revirar o objeto na mão ou no chão para examiná-lo e afastar/aproximar objetos dos olhos a fim de observar deslocamentos e perspectivas (ZORZI e HAGE, 2004). A linguagem oral de Magali foi caracterizada pela emissão de alguns sons e vocalização com prosódia definida, sendo perceptível uma marcação prosódica para expressar alegria e protesto durante o diálogo com o outro, respeitando, inclusive, a troca de turno. Para Zorzi e Hage (2004) a conversação envolve uma sequência de atos comunicativos que são precursores das habilidades conversacionais e exige aos participantes do diálogo o cumprimento das regras de troca de turno, o que traz à criança um modelo de conversação. As emissões de sons intencionais transcritas pelos estudiosos são definidas como comportamentos que consistem na coordenação de vocalizações e olhares direcionados.

Para a realização dos atendimentos foram previstos dez encontros, dentre os quais o primeiro foi reservado para a entrevista inicial e o segundo para a avaliação, não sendo necessária outra sessão de observação e avaliação, tendo em vista que uma foi suficiente para avaliar o desempenho da criança de acordo com as referências propostas no PROC. Os encontros restantes foram destinados para a intervenção terapêutica, sendo quatro sessões de intervenção diretamente com a criança e com a presença do pai. Ocorreram ainda uma sessão exclusivamente com o pai, realizada com a dupla terapêutica e a supervisora, e uma sessão de orientação aos pais, realizada com a supervisora. Nas duas últimas sessões o pai desmarcou por conta de questões envolvendo a logística para levar a criança até o atendimento, mas foi feito contato por telefone a fim de repassar orientações e dados referentes à evolução da criança e a efetivação do compromisso da continuidade do tratamento no semestre seguinte em que ocorreram os atendimentos. O pai de Magali era quem fazia o acompanhamento da sessão, exceto em um dia, em que foi acompanhada pelo pai e pela mãe. Propôs-se a presença dos responsáveis baseando-se na proposta terapêutica, que vê o empoderamento e a mudança de perspectiva dos pais como a chave para o sucesso do acompanhamento, baseando-se na escuta e no diálogo e externando isso para o cotidiano (ANDRADE, 2005).

O vínculo terapeuta/paciente foi progredindo à medida em que os atendimentos ocorriam. Inicialmente Magali apresentou dificuldade em permanecer na sala de atendimento durante as duas primeiras sessões, demonstrando preferência por explorar o ambiente externo, repleto de árvores e flores, ao que o pai relatou ser algo

novo, uma vez que não possuem essa oportunidade onde residem. A busca por possibilidades e novos significados é descrita pela necessidade do sujeito em processo de aquisição de linguagem de ter suas ações interpretadas por um outro, tornando efetiva a descoberta dos significantes (DE LEMOS, 2002). Nesse aspecto, considerou-se que ao sair da sala de atendimento Magali manifestou sua busca por novos significados e possibilidades, principalmente se considerar o fato de ter nascido em meio à pandemia da Covid-19 e ser privada de experimentar outros ambientes e interações com pessoas para além do contexto de sua casa.

Na terceira sessão a paciente demonstrou, através do olhar, querer brincar com a bola. Inicialmente tentou manipulá-la com a terapeuta dentro da sala de terapia e, depois de jogar a bola algumas vezes, dirigiu-se sozinha para a parte externa dando algumas voltas pelo pátio e retornando para a sala. Então, pegou a bola e dirigiu-se novamente para a parte de fora da sala de terapia. Enquanto descia a rampa, Magali avistou o irmão mais velho, de quinze anos de idade, no carro parado no estacionamento. A partir daí, ela foi para a porta do veículo e tentou abri-la.

Terapeuta 2: Oi! Tudo bem com você? Qual seu nome?

Pai: Ela ama esse irmão dela.

Terapeuta 2: Ah! Ele é irmão dela? Magali, vamos chamar o irmão pra brincar de bola! Vem irmão! Vem brincar de bola, vem com a gente brincar.

Magali continuou tentando abrir a porta e subir na janela do carro para ver o irmão.

Terapeuta 2 (com entonação mais aguda): Vem irmão! Vem brincar comigo, vamos jogar bola com a tia. Chama seu irmão, Magali!...

Magali: mmmmm

Terapeuta 2: Isso! Você está chamando-o pra brincar. Vem maninho...

Após as tentativas - frustradas - de Magali convidando o irmão para brincar, o pai relatou que em casa os irmãos mais velhos costumavam brincar de bola, mas não permitiam que Magali participasse da brincadeira com medo de que ela se machucasse. É importante ressaltar que em nenhum momento Magali obteve resposta de suas investidas dialógicas por parte do irmão.

De acordo com Oliveira (2004), fatores como a existência ou não de irmãos e sua diferença de idade interferem na maneira como um novo filho será recebido na família. Magali apresenta uma diferença de idade significativa entre os irmãos,

podendo corroborar para a falta de socialização da criança às brincadeiras. Em um relato, o pai referiu que ela sempre via os irmãos brincarem de bola, mas como era muito pequena não a integravam na brincadeira. Ao ter contato com a bola, Magali trouxe o objeto para fora da sala de atendimento e começou a experienciá-lo, jogando com a mão e chutando, vivenciando aquilo que não lhe era proporcionado.

Ao falar pela criança, a Terapeuta 2 oferece a ela a possibilidade de ser inscrita na fala como um ser falante e essa estratégia foi presenciada pelo pai (VORCARO, 2001). Essa possibilidade surge de um fenômeno intitulado como “manhês”, em que a função materna se apropria das produções da criança dando forma e sentido e trazendo uma interpretação de mundo (FERREIRA, 2001). O “manhês” dá ao sujeito a possibilidade de revelar sua subjetividade.

A forma de solicitação da criança com a busca do objeto pelo olhar é um processo primitivo de função comunicativa. Ele antecede os processos de acompanhar o objeto pelo olhar e o de apontar ao objeto desejado (J.ELLIOT, 1981). Vale destacar que Magali sempre utilizava esse recurso com precisão.

Nesse recorte clínico com a bola observa-se que a criança se utilizou da estrutura fonoarticulatória e dos saberes dos quais dispunha para chamar o irmão para a brincadeira. De Lemos (2002) apresenta o sujeito como o “que demanda interpretação” e se articula na e pela linguagem. Entretanto, o irmão além de não se interessar pelas investidas da irmã, tampouco se dispôs a interagir com ela, situação essa que leva a questionar se as investidas comunicativas de Magali eram acolhidas e interpretadas pelos seus familiares, o que poderia justificar a ausência de fala. Entretanto, ao esperar a resposta do irmão durante a tentativa de diálogo, pode-se pensar que Magali demonstra a descoberta social de aguardar sua vez durante uma atividade conjunta, controlando suas considerações na interação. Essa habilidade dará origem a importantes habilidades linguísticas. (J.ELLIOT, 1981).

Magali coloca em evidência na relação estabelecida com as Terapeutas aspectos como a interação, o sujeito, a interpretação, a percepção do outro, a mudança, o erro e a escuta, características estas que se fazem presente na Clínica de Linguagem e trazem ao sujeito a possibilidade de estruturar sua própria linguagem. (LIER-DE-VITTO, 2006).

Durante a exploração do ambiente externo do consultório com as Terapeutas na terceira sessão, Magali, ao se deparar no jardim com o orvalho de uma folha, prontamente a levou à boca. A exploração da água em diversos momentos se deu em

contextos diferentes, como quando na sexta sessão tentou beber a água que estava em um copo de outra pessoa, e, ao ser levada ao bebedor, demonstrou desaprovação por meio de caretas e balançar negativamente a cabeça quando sentiu a água gelada. O pai referiu que a temperatura muitas vezes é motivo para desagrado e que Magali costuma beber água da torneira com a boca. Tal fato foi comprovado logo em seguida a esse comentário quando a criança se esquivou em direção à torneira do banheiro, solicitando através do olhar, beber a água da torneira.

As ações do adulto acima descritas, caminham para benefício da própria criança, que usa das ações do adulto para entender que é dotado de competências, e o adulto, por sua vez, se vale dos sinais do bebê para sustentar suas necessidades. (CAVALCANTE, 2001; BOYSSON-BARDIES, 2009).

Em um momento da quarta sessão a criança pegou a tampa da caixa de brinquedos e a colocou de frente para a Terapeuta 1 que interpretou como um jogo constituinte, o “cadê? Achou!”. Ao levar a tampa para o pai, ele descreveu as características da tampa, pois era diferente das que ela já havia conhecido.

Pai: Olha filha, essa é diferente das que você já viu - Criança entrega o objeto para o pai.

Pai: Esse é transparente. Olha, você está me vendo - passados alguns segundos, a criança larga o objeto e volta para a caixa com brinquedos.

Depois de algum tempo, pega a tampa e se direciona à Terapeuta 1.

Terapeuta 1: Olha, o que é isso? Cadê a Magali? – suspende por alguns segundos – Achou!

Os jogos constituintes trazem a possibilidade de uma angústia momentânea gerada pela ausência daquele que sustenta o diálogo, que logo é suprida pelo retorno do falante. É primordial para a constituição do sujeito, tendo em vista que ao não se encontrar com o sujeito que sustenta seu reconhecimento, a criança estranha-se a si mesma, proporcionando a consciência de seu próprio ser (JERUSALINSKY, 2011).

Nesse trecho, percebemos que o pai está alienado às características físicas do objeto, as quais a criança ainda não possuía estrutura para interpretar e compreender as “explicações” do pai. Assim, a interação foi interrompida e a solicitação de ação, para a brincadeira “Cadê? Achou!” não foi compreendida. Porém, ao retornar para as terapeutas, continuou-se com a investida. Percebe-se, então, uma demanda da criança de perceber a compreensão do locutor, direcionando-se àquele que dá forma e sentido em suas ações e promove a interação e a circulação da linguagem e posicionamento durante a comunicação. A convocação feita pela criança traz uma

infinidade de possibilidades e a atribuição do sentido é possível, demonstrando a interação eficaz feita no diálogo entre os interlocutores (ARANTES, 1997). É possível observar a forma categórica e com restrição de sentidos com que o pai de Magali interpreta as ações da filha, fazendo-se necessário que a terapeuta o ajudasse na ampliação de significados, trazendo outra possibilidade de sentido: a criança naquele momento possivelmente o convidava para uma brincadeira.

Na sexta sessão pode-se constatar por meio do relato do pai que ele estava se apropriando do discurso da filha, uma vez que começou a apresentar interpretações coerentes diante das ações realizadas por ela, além de o mesmo referir que estava identificando suas vontades e que o apontar e balbuciar dela haviam aumentado. Rocha (2018) refere a importância de supor a significação das ações da criança, trazendo ao sujeito a possibilidade de ser interpretado pela língua do falante. Assim, a fala dada ao sujeito torna-o falante, não tendo apenas sua ação descrita, mas seus desejos e subjetividades escutados.

No transcorrer do estudo de Do Couto (2014) aborda-se o movimento da função materna em ver a criança como um ser singular, que a interessa por uma característica específica. A partir desse ponto, Couto defende que o sujeito começa a emergir. Corroborando com tal achado, na sexta sessão, Magali veio acompanhada da mãe e do pai. A postura de exploração, convocação do outro e emissão de balbucios solidificou a ocorrência gradual da constituição do sujeito, fato este endossado pela fala do pai quanto aos acontecimentos em casa e quanto ao desvio do foco em uma possível patologia para a ocorrência de um sujeito se revelando na/pela linguagem.

Diante do exposto acima, mesmo com o número reduzido de encontros realizados, a fala do pai foi muito significativa: houve progressão durante o processo terapêutico e foi proporcionado um espaço para as produções da criança, se revelando na linguagem e já emitindo os primeiros balbucios. Considerando que se trata do primeiro tratamento fonoaudiológico, percebeu-se evolução, sendo assim, o processo apresentou efeito. Ademais, foi conduzida a possibilidade para continuidade do acompanhamento fonoterápico durante semestre seguinte, o que foi prontamente aceito pelos pais.

Com relação aos parâmetros de desenvolvimento da linguagem, a criança ainda apresenta atraso de fala, mas segue com bom prognóstico para acessá-la, desde que haja a continuidade da constituição do sujeito, da interpretação da forma e sentido, garantindo a chance de o sujeito concretizar sua revelação na/pela linguagem

e acessar a comunicação verbal como meio interativo com seus pares.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar uma intervenção fonoaudiológica à luz da Clínica de Linguagem, evidenciando interação entre terapeuta e criança que se revela na/pela linguagem. Conclui-se que o presente estudo teve o êxito de proporcionar o acompanhamento de uma bebê com um ano e nove meses, abordando o surgimento do sujeito e os processos de circulação da linguagem durante as investidas dialógicas, dentro do viés da abordagem da Clínica de Linguagem. Sendo assim, são relevantes mais estudos na área que possibilitem uma observação longitudinal, de modo a garantir a atualização científica acerca da Clínica de Linguagem como abordagem terapêutica na Fonoaudiologia.

Referências

ANDRADE, Lourdes. Considerações sobre a escuta na clínica de linguagem. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 47, n. 1/2, p. 167-174, 2005.

ARANTES, Lúcia. O fonoaudiólogo: este aprendiz de feiticeiro. In: VITTO, Maria Francisca Lier-de (Org.). *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, p. 23-37, 1997.

BOYSSON-BARDIES, Bénédicte de. Como a fala surge na criança. *Revista brasileira de psicanálise*, v. 43, n. 1, p. 97-103, 2009.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A fala atribuída: as vozes que circulam no discurso materno. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3. A fala atribuída: as vozes que circulam no discurso materno. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 585-591, set. 2001a. Trimestral. ISSN 0486-641X

DE LEMOS, C. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 41-69, 2002.

DEL RÉ, Alessandra; HILÁRIO, Rosângela Nogarini; VIEIRA, Alessandra Jacqueline. A linguagem da criança na concepção dialógico-discursiva: retrospectiva e desafios teórico-metodológicos para o campo de aquisição da linguagem. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*. [S.L.], v. 16, n. 1, p. 12-38, mar. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457348071>. Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/bak/a/dRS98pVJT4mJdmcc7JvkjyB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mar. 2022.

DELFRATE, Christiane de Bastos; SANTANA, Ana Paula de Oliveira; MASSI, Giselle de Athaíde. Aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 14, n. 2, p. 321-331, abr./jun. 2009.

DO COUTO, DANIELA PAULA. O sujeito-criança: a constituição subjetiva graças aos pais e apesar deles. 2014.

FERREIRA, Severina Sílvia. Por que falar ao bebê se ele não compreende. Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 97-103, 2001.

J.ELLIOT, Alison. *A Linguagem da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 170 p. Tradução de Vera Ribeiro.

JERUSALINSKY, Julieta. Jogos constituintes do sujeito - o brincar no laço mãe-bebê como inscrição de um litoral. In: JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. – Salvador, BA: Ágalma, 2011. p. 231-271.

KLINGER, Ellen Fernanda. O brincar e as estereotípias em crianças do espectro autista diante da terapia fonoaudiológica de concepção interacionista. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguagem Oral e Escrita, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6478/KLINGER%2c%20ELLEN%20FERNANDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

LEITE, Lorena Rocha. A criança com atraso de linguagem: um estudo de caso. 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7988/1/arquivo8434_1.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ANDRADE, Lourdes. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. *Estilos da Clínica*. Vol. 13, nº 24, p. 54-71, 2008.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lucia. Apresentação. IN: LIER-DeVITTO, Maria Francisca e ARANTES, Lúcia (orgs) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca de Andrade Ferreira. *Patologias da linguagem: sobre as vicissitudes de falas sintomáticas*. In: LIER-De VITTO, Maria Francisca e ARANTES, Lúcia (orgs) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.

MOUSINHO, Renata *et al.* Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n78/v25n78a12.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

OLIVEIRA, Maria Fernanda Borges. A família no processo de constituição do sujeito. In: OLIVEIRA, Maria Fernanda Borges (orgs) *Relações familiares e o adolescente psicótico: O delírio como sintoma da história familiar*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0212067_04_cap_03.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2022.

PEROTTINO, Silvana. A escrita de caso na clínica de linguagem. 2009. 14 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística., Unicamp, São Paulo, 2009.

POLLONIO, Cláudia Fernanda. O brincar e a clínica fonoaudiológica. 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Fonoaudiologia, Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12065/1/Dissertacao%20Mestrado_Claudia%20Fernanda%20Pollonio%202005.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2022.

ROCHA, Ana Clélia de Oliveira. O Silêncio e o tempo: Impactos do Diagnóstico na Linguagem Infantil. In: ROCHA, Ana Clélia de Oliveira; BAPTISTA, Marta Gonçalves Gimenez (org.). *A Criança e a Palavra - A Linguagem e suas Articulações*. Curitiba: Editora Crv, 2018. p. 13-19.

ROLIM, Amanda Alencar Machado. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no. *Revista de Humanidades*, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, 16 dez. 2009. Anual. Disponível em: <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar+_vygotsky.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOUZA, Andreza Shirlene Figueiredo de; AZEVEDO, Nádia Pereira da Silva Gonçalves de. A linguagem e suas alterações sob a perspectiva interacionista e discursiva. *Revista Porto das Letras*, Vol. 08, Nº 1, p. 9-24. 2022.

VORCARO, Angela. Incidência da matriz simbolizante no organismo: o advento da fala. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 273-281, set. 2001. Trimestral. ISSN 0101-3335.

ZORZI, Jaime Luiz; HAGE, Simone Rocha de Vasconcelos. PROC – Protocolo de observação comportamental: avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. São José dos Campos (SP): Pulso Editorial; 2004.

